

## WITTGENSTEIN E O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Maygon André Molinari<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo aborda a questão do fundamentalismo religioso, a partir do *Tractatus Logico-Philosophicus*, no qual Wittgenstein trata da figuração do mundo. A partir desta figuração, notamos a impossibilidade de se dizer se uma religião é verdadeira ou falsa, o que inviabiliza o fundamentalismo religioso. Porém, esta impossibilidade não pode significar a rejeição da religião.

**Palavras-chave:** Wittgenstein, religião, linguagem

**SINTESI:** Questo articolo affronta la questione del fundamentalismo religioso, dal *Tractatus Logico-Philosophicus*, dove Wittgenstein viene alla figurazione del mondo. Da questa figurazione, notiamo che è impossibile dire se una religione è vera o falsa, il che rende il fundamentalismo religioso. Tuttavia, questo fallimento non può significare il rifiuto della religione.

**Parole chiave:** Wittgenstein, religione, linguaggio

Em tempos como estes nossos, em que não só o debate religioso ganha novas proporções, mas tudo aquilo que a ele se liga, como atos de terrorismo e toda uma proliferação de novas crenças, que se multiplicam a cada dia, caracterizando mais intransigência e posições fundamentalistas do que diálogo, parece-nos pertinente indagar sobre esta questão a partir de um filósofo que, justamente, acreditava que a religião pertencia ao inefável, ou seja, ao silêncio, e que, portanto, não permitia debates e discussões.

Antes de argumentarmos acerca disto, manifestamos que entendemos por fundamentalismo religioso todo posicionamento de intolerância, manifestado por aqueles que concebem como verdadeira apenas a sua crença, sendo falsa a crença alheia, e sem manifestar a possibilidade de diálogo inter-religioso.

<sup>1</sup> Mestrando em filosofia da PUCPR, funcionário da UNICENTRO, Direção de Pesquisa e Pós-Graduação (DIRPESP)

No livro *Tractatus Logico-philosophicus*, Wittgenstein elabora a Teoria Pictórica da Figuração, através da qual podemos figurar os fatos do mundo. É a linguagem vista como um espelho. É preciso, todavia, atentar para um aspecto relevante desta teoria: a linguagem não espelha as coisas, ela espelha os fatos. Desta forma, para Wittgenstein, “o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas” (2008, § 1.1). E o que isto significa? Que um signo isolado não constitui a linguagem, bem como objetos isolados não constituem o mundo. Neste sentido, a linguagem só pode figurar aquilo que existe no nível fatural, aquilo, por assim dizer, que é objeto da investigação científica.

Tudo o que pode ser dito está reduzido ao campo da linguagem figurativa. Assim, só têm sentido as proposições que representam o mundo. Neste só há fatos e na linguagem com sentido só há proposições que figuram os fatos. ‘Proposições filosóficas’ não figuram o mundo, como tal, não têm sentido. Da mesma forma, ‘proposições’ da ética, da estética e da religião não figuram o mundo. Portanto, elas não podem ser ditas. Elas tratam do que possui valor e no mundo nada possui valor. (SPICA, 2011, p.36)

Wittgenstein esclarece que a figuração do mundo é caracterizada pela totalidade dos pensamentos verdadeiros. Contudo, como dizer se um pensamento é verdadeiro ou não? O que pode garantir, por assim dizer, sua veracidade? Quais seriam os critérios para uma ação como esta? Wittgenstein expressa que, para reconhecermos se a figuração é verdadeira ou falsa, devemos compará-la com a realidade (2008, § 2.223). Isto significa que a linguagem obedeceria a princípios lógicos de figuração.

Parece um tanto simples, mas nos abre um novo problema: o que seria a realidade? A que realidade deveremos comparar a figuração? Margutti Pinto afirma que a crítica tractatiana

nos mostra que a realidade é o conjunto de todos os estados de coisas possíveis, e o mundo, o conjunto de todos os estados de coisas existentes ou fatos. O conjunto de todas as proposições possíveis constitui a linguagem como capaz de descrever a realidade; o conjunto de todas as proposições verdadeiras constitui o domínio da linguagem que denominamos ‘ciência’. (MARGUTTI PINTO, 1998: 235)

Assim, notamos a relação mais ampla aqui estabelecida: a realidade é constituída por todos os estados de coisas possíveis. Desta forma, está relacionada não à existência de objetos, mas à existência de uma relação entre tais objetos. Dizer que um homem pegou uma enxada para preparar um canteiro é expressar algo possível, algo real, que faz parte do mundo dos fatos. Dizer, no entanto, que uma enxada tomou um homem para fazer um canteiro, fere a noção de realidade e de lógica e, desta forma, não pode ser dito através de proposições com sentido.

Para Wittgenstein, “não seríamos capazes de dizer como pareceria um mundo ‘ilógico’” (2008, § 3.031), ou seja, não saberíamos ‘dizer’ uma situação como esta. Notamos que os objetos (ou coisas) mencionados(as) nas duas frases são os mesmos (homem, enxada, canteiro), no entanto, o conteúdo de cada frase é diferente, de tal maneira que poderíamos dizer que a primeira possui um sentido, e a segunda não. Logo, a primeira frase constituiria, de acordo com Wittgenstein, um pensamento verdadeiro, possível de ser enunciado, enquanto a segunda caracterizaria um pensamento falso, ou seja, sem conexão com a realidade. E talvez seja conjecturado que, um dia, quem sabe num futuro distante da humanidade, uma enxada tome um homem para fazer um canteiro.

Como poderíamos situar uma condição como esta? Apenas que as leis do mundo e da natureza teriam mudado e não mais haveria lógica, pois, de acordo com o conhecimento atual da humanidade, não é possível um objeto inanimado tomar o lugar de um ser humano. E, voltando ao enunciado de Wittgenstein, não saberíamos *dizer* algo assim ilógico, ao menos não com proposições científicas da maneira como temos *dito*.

Ora, e o que isso tudo tem a ver com fundamentalismo religioso? Trata-se de algo bastante simples: aquilo que não pode ser figurado pela linguagem, não pode ser dito à maneira dos enunciados científicos, ou seja: aquilo que não é fato do mundo, e que não pode ser figurado pela linguagem-espelho, não pode ser dito com pretensões de verdade. Wittgenstein enuncia, no aforismo 7 do *Tractatus*, que é também o último: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (2008, p. 281).

Isso não significa que não devemos usar palavras para nos referir à religião, que não pode ser figurada pela linguagem; significa que não devemos falar de religião do mesmo modo como falamos de enunciados científicos, que contém a possibilidade de serem verdadeiros ou falsos. A este respeito, Spica nos esclarece:

Assim, mesmo no *Tractatus*, podemos continuar a rezar, a pedir perdão e a formularmos juízos éticos e estéticos, desde que tenhamos bem claro que uma oração, um pedido, uma poesia ou uma ordem não podem ser ditas com sentido, ou seja, não podem ser analisadas como passíveis de verdade ou falsidade. (SPICA, 2011, p.11)

Isso demonstra que não se trata de um silêncio absoluto sobre religião, ética e estética: significa que, aquilo que não é fato do mundo, não pode ser figurado, logo, não pode ser dito com pretensões de verdade ou falsidade. O que silencia não são as palavras – o que silencia é a pretensão de verdade.

Desta forma, fica-nos mais evidente qual a relação do *Tractatus* com o fundamentalismo religioso. Para o fundamentalismo, é possível chegar à verdade através da linguagem, e cada discurso fundamentalista acredita que é o único verdadeiro, sendo simplesmente falso, portanto, o que lhe for diferente. A partir desta constatação de uma suposta verdade, não passível de verificação, é que em geral são geradas e alimentadas as guerras, que surgem os atentados terroristas, os sacrifícios corporais e mentais, e a exploração financeira dos fiéis de diversas formas.

Não queremos, e nem poderíamos afirmar, que o *Tractatus Logico-Philosophicus* é uma obra que refuta o fundamentalismo religioso. Longe disso, é uma obra que, justamente por ser contrária ao discurso fundamentalista, o cala. Podemos, então, dizer que tudo aquilo que tem a pretensão de ser verdadeiro, e que, evidentemente, como outra face contém a premissa de que o diferente deve ser falso, simplesmente é impossibilitado na filosofia do *Tractatus*. Insistimos: não significa que na obra de Wittgenstein exista um combate direto a isto.

O que depreendemos é que a reflexão de Wittgenstein cala, não somente o fundamentalismo, como toda pretensão de *dizer* um valor. E parece-nos que a melhor forma de calar uma coisa não é desmerecê-la, atacando-a. Ou seja, a melhor forma de calar uma coisa não é dizendo-a exaustivamente, combatendo-a com uma verborragia infinita. A melhor forma de silenciar algo é justamente mostrando o outro lado. Neste sentido, acreditamos que um combate direto ainda se serve das mesmas armas do suposto adversário. É preciso criar outras armas, ou ainda: desarmar...

O interessante, neste sentido, é que estas considerações, que não estão colocadas de modo explícito no *Tractatus Logico-Philosophicus*, se soltam desta obra como que naturalmente, sem qualquer coação, da mesma forma como o perfume solta-se de uma flor sem que esta o force a se soltar. Ou seja, a

partir da noção de Teoria Pictórica da Figuração, compreendemos que aquilo que não é fato não pode ser descrito com pretensões de verdade ou falsidade, isto é, não pode ser descrito da forma como a ciência aborda um problema. E eis, enfim, o fascínio que o *Tractatus* exerce em tantos: ele não fica a pregar tolerância religiosa, mas sua construção aponta a intolerância como mera demonstração de que não se compreende, de fato, a impossibilidade de provar se uma religião é verdadeira ou falsa, superior ou inferior à outra. Este debate, que não somente gera, mas aprofunda os fundamentalismos, é silenciado por Wittgenstein, quando ele silencia a pretensão de verdade.

O importante, em tudo isto, é perceber que o fundamentalismo religioso não está somente no “Outro”, como em geral somos forçados, em geral pela mídia, a pensar hoje em dia, sobretudo quando este outro é islâmico. O fundamentalismo está em qualquer discurso que, sem atentar para a questão de se é possível ou não uma verificação, declara-se detentor da verdade, sendo falsas as crenças diferentes.

Assim como não combate o fundamentalismo, tampouco o *Tractatus* defende alguma espécie de ecumenismo, e pelo mesmo motivo: não se pode nem dizer que uma crença é verdadeira e as outras são falsas, nem dizer simplesmente que todas as crenças são verdadeiras. A questão não é esta. Refere-se justamente a não querer provar para ninguém aquilo em que se crê.

Como bem notou Spica, podemos continuar a orar e a escrever poesias, por exemplo, desde que não o façamos com pretensões de verdade, e acrescentamos, a fim de encerrar este trabalho: uma oração e uma poesia são tanto mais belas quanto menos se queria dizer que são verdadeiras. Elas são belas, por assim dizer, por si mesmas.

## REFERÊNCIAS

MARGUTTI PINTO, P. R. **Iniciação ao Silêncio. Análise do Tractatus de Wittgenstein.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MONK, R. **Wittgenstein: o dever do gênio.** Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SPICA, M. A. **A religião para além do silêncio.** Curitiba: CRV, 2011.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus.** Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

O próximo número da **Tabulae** – Revista de Philosophia está previsto para julho de 2012. Os pesquisadores interessados deverão enviar seus artigos para [eedalpupo@yahoo.com.br](mailto:eedalpupo@yahoo.com.br) ou [eli@favic.com.br](mailto:eli@favic.com.br). Segue abaixo as normas para publicação.

### **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS**

1. O trabalho deve ser inédito e destina-se exclusivamente à revista, não sendo permitida a sua publicação anterior ou simultânea em outros veículos.

2. Os trabalhos aceitos para publicação tornam-se propriedade da revista, recebendo o autor, como direito autoral, 3 exemplares do respectivo volume.

3. Os editores reservam-se o direito de fazer modificações de ordem formal, de acordo com as exigências de ordem corretiva antes de ser encaminhados para publicação. Tais mudanças se referem a necessidade de homogeneidade.

4. Os originais são submetidos à apreciação do Conselho Editorial que julgará sem possibilidade de recurso pelo autor.

5. Os textos deverão ser entregues gravados em mídia digital, acompanhados de duas cópias impressas, com, no mínimo 5 e no máximo 25 laudas, em papel A4, fonte arial, corpo 12, entrelinhamento 1,5 cm. Todas as páginas deverão ser numeradas consecutivamente em algarismos no canto superior direito.

6. Em caso de uso de fonte não padrão do Windows, é necessário que o autor envie a fonte utilizada no artigo.

7. No ato de entrega ou encaminhamento dos originais, é necessário também carta do autor responsável autorizando a publicação e direitos autorais para a revista.

8. O artigo deverá ser composto por, na ordem: Título: breve, específico e descritivo; Autor: formação e local de trabalho; Resumo: máximo 150 palavras; Palavras-chave: máximo de 5; Resumo e palavras-chave em outra língua (Francês, Inglês ou Alemão) Texto; Notas – estilo autor/data; Referências: no final do artigo de acordo com ABNT.

9. Os artigos deverão ser enviados para o seguinte endereço: Av. Jaime Reis, 531A, Alto São Francisco, CEP: 80510-010 - Curitiba/Paraná, aos cuidados da **Tabulae** - Revista de Filosofia.

### CADASTRO DE ASSINANTES

Nome: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_ N. \_\_\_\_\_ Ap. \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

Assinatura anual (2 números) R\$ 30,00

Número avulso R\$15,00

Estou encaminhando o cheque n° \_\_\_\_\_ do Banco \_\_\_\_\_  
Agência n° \_\_\_\_\_, no valor de R\$ \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ ), nominativo à Congregação da Missão.

Assinatura       Números avulsos \_\_\_\_\_

**Enviar o Cadastro de Assinantes preenchido e cheque para:**

Av. Jaime Reis, 531A, Alto São Francisco, CEP: 80510-010 - Curitiba/Paraná,  
aos cuidados da **Tabulae** - Revista de Filosofia.

FACULDADE  
FAVI  
VICENTINA



FACULDADE  
FAVI  
VICENTINA

